

Criação?

Seria um absurdo estudarmos a doutrina da criação vivendo nos dias atuais? Não teriam as teorias do Big Bang e da Evolução desvendado a origem da vida e remetido a narrativa bíblica definitivamente a categoria de mito? A resposta é um sólido e científico não. O que ocorre é que as descobertas científicas das últimas décadas tem mostrado que o criacionismo é uma opção tão viável como as demais cientificamente falando.

Por agora, vou citar apenas dois exemplos bastante contundentes. Grande parte da comunidade científica do século XIX fazia coro com os antigos gregos, considerando o universo como eternamente autoexistente. Dessa maneira, a concepção de um evento de criação era desnecessário e um Deus Criador algo obsoleto. No entanto, parte da comunidade começou a desenvolver um modelo de início do universo conhecido como Big Bang que foi confirmado pelos cientista Arno Penzias e Robert Wilson em 1965. Eles descobriram a radiação cósmica de fundo, uma prova científica do Big Bang. Os próprios Penzias e Wilson acreditavam na teoria do universo estático. Entretanto, Robert Wilson e Arno Penzias foram conduzidos a rever suas posições, de maneira que Wilson chegou a declarar: “Certamente houve alguma coisa que fez tudo funcionar. Se você é religioso, é certo que não posso pensar numa teoria melhor da origem do Universo do que aquela relatada no Gênesis”.¹

Albert Einstein começou a se admirar (e se irritar) com os rumos que seus cálculos estavam tomando quando estava desenvolvendo a teoria da relatividade. Na época de Einstein havia uma teoria de que o Universo seria eterno e portanto não era preciso invocar a pessoa de um Deus Criador para explicar a existência das coisas. Contudo, os dados dos cálculos de Einstein começavam a convergir para uma verdade estarrecedora: o Universo não era eterno, mas tinha um início, um princípio.²

Robert Jastrow, fundador do Instituto Goddard para Estudos Espaciais da Nasa, escreveu um livro³ diante das descobertas do telescópio Hubble que chocou a comunidade científica do início da década de 80, afirmando que as maiores descobertas científicas de todo o século XX estavam se harmonizando com as declarações de teólogos que viveram séculos e séculos antes de nós. Em uma passagem polêmica do livro, Jastrow dispara: “Para o cientista que tem vivido pela fé no poder da razão, a história termina como um sonho ruim. Ele escalou as montanhas da ignorância; está prestes a conquistar o pico mais elevado e, quando se lança sobre a última rocha, é saudado por um grupo de teólogos que está sentado ali há vários séculos”.⁴

Essas descobertas colocaram a comunidade científica contra uma parede de questões: se o universo não é eterno, como ocorreu seu nascimento? Qual a causa de seu surgimento? Teóricos começaram a esboçar hipóteses ousadas para tirar novamente Deus do cenário do surgimento do universo e colocar o “nada”. Na verdade, é impossível que antes do princípio haja o nada em sua forma absoluta, pois se fosse assim não estaríamos aqui! Os antigos gregos, especialmente Parmênides e Empédocles, já sabiam que “do nada, nada se produz”.⁵ É praticamente impossível defender a posição de que não havia nada antes do princípio em todos os campos do conhecimento humano, seja a Filosofia, a Lógica e mesmo a Física e a Biologia.⁶ Arthur Eddington, olhando para as evidências científicas coletadas nas últimas décadas, afirma que “o início parece apresentar dificuldades insuperáveis, a não ser que concordemos em olhar para ele como algo francamente sobrenatural”.⁷

O segundo exemplo de dificuldades até o momento insuperáveis está no campo da biologia. A teoria do surgimento espontâneo da vida, amplamente citada para fundamentar o processo da evolução, acabou sofrendo duros golpes com as descobertas mais recentes sobre a complexidade do DNA: “até mesmo as mais simples substâncias químicas necessárias para a vida parecem requerer enzimas altamente complexas e moléculas DNA para a sua síntese, e contudo, estas últimas, presumivelmente, pela teoria evolucionista, são construídas a partir destas substâncias mais simples”.⁸ Ou seja, para formar a vida em seu estado mais básico é necessário o DNA e para formá-lo precisamos de proteínas que dependem de DNA para sua produção. Então, afinal de contas, de onde vieram as proteínas necessárias para o surgimento do primeiro DNA? Este fato somado a todos os insucessos das tentativas de

¹ GEISLER, Norman L.;TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.83

² GEISLER, Norman L.;TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.72

³ *God and the astronomers*. New York: Norton, 1978.

⁴ APUD GEISLER, Norman L.;TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.95

⁵ SILVA, Rodrigo P. Por que há algo ao invés de nada? – *in Kerygma*, Engenheiro Coelho, SP, volume 7, número 2, p. 95–101, 2º sem. de 2011, p.99

⁶ Para uma leitura muito pertinente acerca do tema, leia “Não tenho fé suficiente para ser ateu”, de Norman Geisler e Frank Turek (São Paulo: Editora Vida, 2006,424p.)

⁷ APUD GEISLER, Norman L.;TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.85

⁸ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.116

se gerar vida em laboratório acabaram levando estudiosos renomados a formular hipóteses desesperadas, como a panspermia, em que seres extraterrestres teriam espalhados sementes de vida ao longo do universo, explicando assim o surgimento da vida no nosso planeta.⁹

O ponto é que devemos nos lembrar de que as teorias científicas que militam contra o criacionismo como a teoria do Big Bang e a teoria do evolucionismo permanecem com muitos pontos cegos e muitas fragilidades do ponto de vista científico. O criacionismo continua sendo uma opção racional e cientificamente viável de todos os pontos de vista do mundo científico, seja nos campos da Filosofia, da Cosmologia e até mesmo da Biologia. Além disso, na intersecção entre as teorias científicas e o criacionismo mais convencional surgem tentativas de convergência, como a obra de Pierre de Teilhard de Chardin e os teóricos do Design Inteligente.

Uma narrativa contestadora

A narrativa de Gênesis não era a única narrativa do surgimento do universo e do homem no mundo antigo. Gênesis 1 nasceu cercado por mitos que explicavam o surgimento do homem e contestou todos eles por meio de sua perspectiva única da criação do homem. Ramachandra afirma: “que um propósito polêmico e evangelizante achasse por trás da narrativa da criação de Gênesis torna-se claro quando ela é entendida em contraste com o contexto das crenças e prática populares dos vizinhos de Israel”.¹⁰ Os mitos em sua grande maioria viam o homem como fruto do ódio e da batalha entre os deuses (como os mitos gregos) ou então o homem como um capacho dos deuses: “[na] visão mesopotâmica, os deuses não tinham planos de criar as pessoas como parte integrante do mundo que haviam estabelecido para si mesmos. A humanidade só foi gerada como consequência dos deuses terem se cansado de tanto trabalhar para seu sustento e provisão. Os seres humanos, então, foram criados para serem servos das divindades que não estavam dispostas a fazer o trabalho pesado”.¹¹

De fato, “o ensino sobre a humanidade dado no capítulo inicial de Gênesis é totalmente singular. Diferentemente dos mitos religiosos comuns sobre a criação, que descrevem o homem como um produto ‘acidental’ dos deuses, toda a narrativa de Gênesis chega a um clímax no relato da criação do homem”.¹² Ou seja, o homem é fruto do amor de Deus, é o ser que coroa a criação, como destaca com uma singular beleza o Salmo 8.

Uma criação ex nihilo

Quanto a criação, os teólogos Franklin Ferreira e Alan Myatt afirmam o seguinte: “A questão da origem do universo, da terra e do ser humano e uma fonte de controvérsia é polêmica não apenas na teologia, mas também nos campos da filosofia, da ciência, da ética e da educação. Os filósofos antigos propunham respostas que abrangeriam quase todas as opções que se encontram hoje — um universo eterno, um universo oscilante, a evolução da vida a partir de elementos inanimados e a criação de seres vivos por Deus ou por deuses. A única resposta que nunca foi considerada é a noção da criação do nada (*ex nihilo*) por um Deus pessoal, que é a resposta da tradição cristã”.¹³

Os teólogos afirmam de longa data que tudo que existe foi criado do nada pelo Criador. Eles utilizam a expressão “*creatio ex nihilo*”, que vem do latim e significa “criação a partir do nada”.¹⁴ Por “nada”, os teólogos não estão pensando simplesmente na ausência de alguma coisa, mas estão invocando o termo em seu sentido mais cru e letal: “a ausência de realidade”.¹⁵ Ou seja, o Criador não possuía qualquer material em mãos para criar, nada, nadinha mesmo. Embora alguns autores afirmem que o texto de Gênesis não indica claramente uma criação sem o uso de material pré existente (REIMER, Haroldo. Criação e cuidado: perspectivas bíblicas – *in Revista Atualidade Teológica*, Ano XV nº 37, janeiro a abril/2011, p.12), foi a partir de uma leitura cacônica das Escrituras tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, em passagens como Hebreus 11.1-3, por exemplo, que a doutrina da criação a partir do nada foi forjada e apoiada.¹⁶

Ao contrário de um pedreiro que une elementos para conseguir construir uma parede, o Eterno não possuía matéria prima em suas mãos. Aqui a narrativa de Gênesis se afasta completamente das concepções do mundo antigo em que uma divindade organizou elementos pré-existentes para criar o mundo.¹⁷ Gênesis insiste que os atos criadores

⁹ GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.123

¹⁰ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.85

¹¹ MATTHEWS, John Walton Victor; CHAVALAS, Mark. *Comentário Bíblico Atos: Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Atos, 2003, p.540

¹² RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.87

¹³ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.251

¹⁴ TILLICH, Paul. *Systematic Theology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1967, p.253

¹⁵ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.370

¹⁶ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.368,369

¹⁷ MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.350

são feitos a partir do nada, e o narrador faz questão de enfatizar ao utilizar um verbo para descrever o ato de criar ao longo da narrativa de Gênesis 1 que “enfatiza o processo de dar início a um objeto”.¹⁸

Ao afirmar que o Eterno concebeu o mundo do nada não estamos apenas lidando com um conceito teológico, mas como compreendeu muito bem Pearcey, “o significado operativo da doutrina *ex nihilo* defende que nada é independente da criação de Deus, mas que tudo veio d’Ele e está sujeito a Ele”.¹⁹ Ou seja, “o mundo existe em Deus; e Ele não ‘existe’ como um objeto existe no mundo”.²⁰

Portanto, há uma unidade entre a doutrina criação e a doutrina da providência, como afirma a Confissão de Fé de Westminster no artigo 1 do capítulo 5: “Pela sua muito sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho da sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas, todas as ações e todas as coisas, desde a maior até a menor”.²¹ O Criador tem autoridade sobre a sua criação!²² Logo, o Deus Criador também é presente e conduz, cuida de sua criação (posição do teísmo) ao contrário do deísmo que acredita que Deus criou o mundo mas não intervém nele por meio da providência.

Dias de criação

A narrativa da criação é apresentada segundo uma ordem muito clara. No primeiro o Criador cria a luz e a separa das trevas, para no quarto dia criar também os corpos celestes que vão demarcar o dia e a noite. Luz e luzeiros. No segundo dia o Eterno cria o céu e os mares, para no quinto dia criar as aves que povoam os céus e os peixes que povoam os mares. No terceiro dia é criada a terra com sua vegetação, e então no sexto dia o Senhor cria os animais que povoam a terra e também o homem.²³ Essa estrutura de duas tríades que se sobrepõem mostra a maneira ordenada, lógica e perfeita com a qual o Senhor cria o universo para que haja vida. Ou seja, “essa disposição literária põe em destaque o fato de que o mundo de Deus é uma estrutura organizada (um cosmos), não um caos sem sentido”.²⁴

Criação trinitária

Nos atos da criação vemos o Eterno criando os céus e a terra pelo poder de sua Palavra, pelo poder do Verbo, enquanto o Espírito de Deus paira suavemente sobre as águas “como uma ave-mãe sobre os seus filhotes, indicando tanto a transcendência de Deus sobre a sua criação como também o seu envolvimento íntimo para com ela, cuidando dela”.²⁵ O Criador. A Palavra. O Espírito de Deus.

Esse envolvimento santo do Criador, da Palavra e do Espírito foi sendo revelado de maneira progressiva pelo próprio Eterno nas Sagradas Escrituras, de maneira que na plenitude desse mostrar a si mesmo vemos o Pai, o Filho e o Consolador. Por isso, Agostinho afirmou com tanta propriedade que “o Deus único e verdadeiro não é somente o Pai, mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.²⁶

Essa pluralidade de vozes na revelação do projeto do homem mostra que “a atividade da criação descrita aqui é uma atividade trinitariana: Deus cria por meio da Palavra e do Espírito”, como afirmou com grande beleza Vinoth Ramachandra.²⁷ Stanley Grenz aponta para o fato de que cada Pessoa Eterna realizou seu papel na criação do mundo, de maneira que a criação é um ato de amor e liberdade da Trindade Eterna. Grenz fala do Pai como o fundamento da criação, do Filho como o princípio da criação e do Espírito como o poder divino e ativo na criação.²⁸

Centralidade do Homem

Vinoth Ramachandra deixa claro que neste momento o tom da história muda de maneira que “este é um ponto em que há uma drástica mudança na história, o que o autor evidencia de três modos: (i) a linguagem altera-se do repetitivo ‘haja’ para uma frase maior reflexão ‘ façamos...’ (v.26); (ii) a deliberação feita é então seguida de um ato de

¹⁸ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.269

¹⁹ PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de seu Cativo Cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.57

²⁰ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.99

²¹ CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER / Assembléia de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. P.47

²² MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.352

²³ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.270

²⁴ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.82

²⁵ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.80

²⁶ AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994, p.227

²⁷ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.80

²⁸ GRENZ, Stanley J. *Theology for the community of God*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 2000, p.101-105

criação (v.27), mostrando talvez um envolvimento mais profundo de Deus nesse aspecto de sua obra criativa; (iii) o fato da criação do ser humano, homem e mulher, ser repetido na mesma sentença (v.27) – um exemplo do paralelismo poético da cultura hebraica”.²⁹

Essa mudança intencional no tecido do texto mostra que a criação do homem é o ponto alto da história, de maneira que tudo que foi criado antes converge para o instante da criação do ser humano! Esse pico da história é muito importante para compreendermos o que está acontecendo aqui. Como afirmou John Stott, “de modo geral, podemos dizer com segurança que Gênesis 1 começa com Deus (“no princípio, criou Deus...”), prossegue em estágios progressivos (“e disse Deus... e disse Deus...”) e termina no homem (criou Deus, pois, o homem à sua imagem (...) homem e mulher os criou)”.³⁰

Isso quer dizer que tudo aquilo que foi criado antes foi criado para possibilitar ao Eterno criar o ser humano! Isto é incrível, pois de alguma maneira todos os ambientes, toda a beleza e toda a funcionalidade incrível de uma criação vasta e exuberante foram concebidas pelo Eterno para que este Deus Comunitário crie então o homem e a mulher. G. K. Chesterton faz uma consideração brilhante que explica a mudança da voz do Criador de maneira impessoal para uma maneira mais pessoal: “Toda a diferença entre construção e criação é... que algo construído só pode ser amado depois de ter sido construído; mas algo criado é amado antes de chegar a existência”.³¹

Gosto muito de quando Eugene Peterson usa a palavra “concepção” para se referir ao livro de Gênesis,³² especialmente por que o trabalho de criação é um trabalho de parto.

A matéria como boa

Um resultado da leitura adequada de Gênesis 1 é a compreensão de que a materialidade da criação é uma dádiva do Criador, uma dádiva que é restaurada em Cristo pois Jesus foi ressuscitado em seu corpo e não fora dele e nos deixou a promessa de novos céus e nova terra, e não a abolição da existência material.³³ Logo, deve se refutar toda tendência espiritualizante que nega a bondade do mundo material criado, pintando a salvação como um escape do que é material, uma eternidade que não tem corpo, não tem gosto ou sabor.³⁴

Deus fez sua criação boa, agradável, perfeita. Mesmos após a queda somos convidados a usufruir da bondade do Criador admirando sua criação e nos deleitando nela, desfrutando as vida sensorial de maneira legítima e lícita, porém sem negar a nossa natureza humana como sendo composta de sua porção material tanto quanto de sua porção imaterial.

Tarefa

- Leitura para próxima semana: Gênesis 1

²⁹ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.87

³⁰ STOTT, John. *Entenda a Bíblia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.61

³¹ APUD PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.38

³² PETERSON, Eugene. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea* – São Paulo: Vida, 2011, p.17

³³ KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010, p.144

³⁴ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.87